"Nossos passos vêm de longe": o Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do DG-FFLCH-USP[1]

NEPEN GEOUSP[2]

RESUMO

O presente artigo busca expor a trajetória e os contextos que deram origem ao Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Para compreender a atuação do núcleo é necessário recorrer à ancestralidade, entendida para além de uma limitação ao passado, mas, como aquilo que continua em nós, no qual intelectuais negros/as abriram caminhos para compreendermos as questões raciais na formação brasileira e latino-americana, bem como criaram estratégias de reivindicação para integrar seus descendentes na sociedade, inclusive nos espaços mais elitizados, como a própria Universidade. Nesse sentido, o aquilombamento representa esse movimento de reconhecimento e de trocas de experiências, para além de estarmos juntos/as. Dentro dessa perspectiva, o NEPEN surge como um lugar de aquilombamento, inserido numa estrutura academicista que pouco valoriza os conhecimentos, trajetórias e saberes plurais e, principalmente, o afeto. A luta pelas cotas raciais e o reconhecimento da importância destas por parte do Estado comprovou a existência de um racismo estrutural. Assim, visamos estabelecer formas de produzir conhecimentos críticos e ações de combate ao racismo. Neste viés, apresentaremos os processos de constituição do NEPEN - que se apoia no tripé ensino, pesquisa e extensão -, descrevendo nossas trajetórias, projeções e desafios.

Palavras-chave: NEPEN; Geografia; Ensino, Pesquisa e Extensão; aquilombamento; racismo estrutural.

"Our steps come from afar": the Black Students and Researchers Group of DG-FFLCH-USP

ABSTRACT

This article reconstructs the trajectory and origin of the Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo - NEPEN. The article demonstrates how ancestry is essential for the existence of the group, which understands it beyond historical reference, but also as what continues among us. Therefore, black intellectuals were sought as a reference because they paved a way for understanding racial issues in Brazilian and Latin American education, as well as creating strategies for the integration of their descendants into society, including in elite spaces, such as the University itself. As such, the flattening represents this movement of recognition and exchange of experiences, in addition to being together. Within this perspective, NEPEN appears as a place of squatting, inserted in an academic structure that holds little value for plural knowledge, trajectories, and knowledge and, mainly, affection. The struggle for racial quotas and recognition of their importance by the State proved the existence of structural racism. Thus, we aim to establish ways to produce critical knowledge and actions to combat racism. In this vein, we will present the constitution processes of NEPEN - which is based on the teaching, research, and extension base -, describing our trajectories, projections, and challenges.

Keywords: NEPEN; Geography; Education, Research and Extended Learning; aquilombamento; Structural Racism.

[1] Sabendo que a linguagem é uma expressão social, política e cultural, o núcleo optou por aderir o "Pesquisadoras Negras" no feminino, no sentido de enfatizar sua posição política em relação a desconstrução do uso no masculino tido como universal, além do mais, a maior participação do NEPEN é realizada por mulheres negras. Atualmente o núcleo é composto por: Amanda de Lima Moraes, Ana Lígia dos Santos, Ayana Kissi Meira de Medeiros, Beatriz Pereira Silva, Érica Cristina Ferreira, Fabiana Luz, Felipe Ricardo Borges Lopes, Geinne Monteiro, Guilherme Estevão, Hugo Nicolau Barbosa de Gusmão, Jennifer Terriaga, Ricardo Santos, Rita de Cássia Mota Santos, Tailane Machado, Tuwilê Jorge Kin Braga.

[2] O texto foi escrito coletivamente por todos os integrantes ativos do NEPEN.

Introdução

A reserva de vagas nas universidades públicas brasileiras estabelecidas na forma de cotas raciais, além de significar o reconhecimento do racismo estrutural no Brasil por parte do Estado brasileiro estabeleceu-se como conquista de uma reivindicação histórica e estratégica do movimento negro. Como reflexo, a política de cotas mesmo sem promover mudanças estruturais na condição social da população negra brasileira, reforçou o apelo e a tentativa de compreensão da questão racial na formação social brasileira, haja vista a ampliação de pesquisas relacionadas ao tema. Disso deriva compreender três pontos que serão expostos ao longo deste artigo, o primeiro diz respeito ao reconhecimento de que outros pavimentaram os caminhos aos quais agora estamos trilhando, ou seja, "nossos passos vêm de longe"(WERNECK, 2009), de forma mais precisa a partir da "formação e florescimento de uma geração de intelectuais oriunda do movimento negro" (COSTA, 2018) na década de 70, dessa geração deriva alguns nomes notáveis, tais como Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Lélia Gonzales, Hamilton Cardoso e Eduardo de Oliveira e Oliveira, assim como dez anos depois veio a surgir alguns coletivos e "núcleos de estudos afro-brasileiros (ou correlatos) voltado aos estudos do racismo e das relações raciais" (RATTS, 2009). O segundo ponto está relacionado a compreensão das cotas raciais não apenas como simples reivindicação, mas como estratégia traçada pelo movimento negro que entende a centralidade da produção de conhecimento em uma sociedade, tal conhecimento produzido a partir da confluência do saber científico com as experiências vividas que estabelecem um duplo desafio: de um lado a universidade, que historicamente ocupada por sujeitos/as brancos/as está sendo obrigada a reconhecer isso e suas consequências na perpetuação do racismo no Brasil, de outro lado a atual geração de estudantes e pesquisadores/as negros/as que agora circula por esse espaço e busca ressignificá-lo. O terceiro ponto trata da conformação deste contexto atual, mais particularmente a partir da constituição do Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras no Departamento de Geografia (FFLCH-USP), descrevendo dessa forma sua breve trajetória, suas ambições e seus desafios assumidos.

Nossos passos vêm de longe

As mudanças pelas quais passava a sociedade brasileira na década de 1970 e 1980, representaram para o movimento negro uma transformação considerável no que tange ao entendimento sobre a realidade

da população negra brasileira e, consequentemente, nas suas reivindicações enquanto movimento social. Tais entendimentos se traduziram, por exemplo, na constituição de uma geração, ainda que diminuta de ativistas-intelectuais negros/as, assim como no estabelecimento de reivindicações estratégicas baseadas em políticas públicas de ações afirmativas que tinham como potência denunciar, mitigar e combater o racismo estrutural, disso deriva a luta por cotas raciais nas universidades públicas brasileiras.

Desta forma, a educação e a produção de conhecimento ganham papel central na compreensão do racismo estrutural, o que por sua vez se transformou num dos principais eixos de reivindicação dos movimentos negros. Ao eleger tais reivindicações como vias principais de luta, o movimento negro entendeu que além da educação propiciar a ascensão social e econômica da população negra, a produção do conhecimento se faz fundamental para a superação do nocivo "mito da democracia racial" (MUNANGA, 1999). Neste sentido, a inserção dos/as sujeitos/as negros/as nas universidades públicas brasileiras repetimos de forma diminuta na década de 70 e 80, estabeleceu um choque necessário para o conformado quadro de pesquisas e produções científicas, sobretudo na área das ciências humanas, onde o conhecimento das condições históricas, sociais, econômicas e geográficas da sociedade brasileira, quando produzido a partir de mãos brancas recorre ao perigo da história única[3], assim como a reprodução e naturalização da coisificação e não-autonomia da população negra.

No sentido de aferir sobre o que chama de "encruzilhadas de todo tipo", (RATTS, 2009), ao contextualizar o surgimento do movimento negro de base acadêmica, busca demonstrar os limites da dualidade entre individualidade e coletividade, afirmando que o sentimento de pertencer a determinada coletividade está baseado na apropriação individual das memórias vividas e herdadas, disso deriva também o conhecimento produzido por estes/as sujeitos/as que segundo a visão de Costa (2018) e Santos (2011) é indissociável das experiências vividas individual ou coletivamente através do ativismo ou do cotidiano, ou seja, a inserção da população negra nos espaços de produção de conhecimento tende a uma ampliação do número de pesquisas e temas relacionados ao negro/a, a raça e as relações raciais, pois estes/as sujeitos/as conscientes de que suas experiências refletem o racismo da sociedade brasileira, buscam produzir um conhecimento capaz de delinear e denunciar esta realidade muitas vezes deturpada, quando não negadas a partir do conhecimento produzido por sujeitos/as não-negros/as. Santos (2011) define tal consciência como um "*ethos* acadêmico-científico

[3] Fala da Beatriz Nascimento retirado do documentário "O negro da senzala ao soul", realizado pelo Departamento de Jornalismo da TV Cultura em 1977.

ativo" sendo determinante para a metamorfose do/a militante negro/a em negro/a intelectual. Por sua vez, Costa (2018) em sua crítica ao modelo moderno e eurocentrado de produção de conhecimento (ciência) baseado na teoria decolonial, define tal consciência a partir do que chama de corpo-geopolítica do conhecimento. O autor critica o modelo de produção de conhecimento baseado na universalidade abstrata e defende a constituição de uma universalidade concreta que abarque o existir e o ser, ou seja, as experiências e memórias, sobretudo das populações subjugadas.

As três contribuições acima referidas situam a existência de intelectuais negros/as orgânicos/as na década 70, formados/as na base do ativismo negro e comprometidos/as com a produção e disseminação do conhecimento acadêmico-científico. Tais intelectuais aqui representados por Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales, Hamilton Cardoso, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Abdias do Nascimento e Clóvis Moura em suas respectivas trajetórias expõem o racismo estrutural e institucional incrustado nas universidades brasileiras, com exceção de Lélia Gonzalez. Estes/as notáveis e brilhantes sujeitos/as jamais chegaram a ocupar uma cadeira de professor em uma universidade pública, aliás Beatriz, Eduardo e Hamilton sequer chegaram a concluir seus estudos no nível de pós-graduação (RATTS, 2009).

O Negro na USP

> O soldado que matou o nortista era branco. O delegado era branco. E eu fiquei com medo dos brancos e olhei a minha pele preta. Por que será que o branco pode matar o preto? Será que Deus deu o mundo pra eles? Eu tinha excesso de imaginação, mas não chegava a nenhuma conclusão nos fatos que presenciava. Estava com seis anos. **O único lugar seguro para eu guardar os fatos era dentro da minha cabeça**. **Minha cabeça é um cofre**. Minha mentalidade aclarou-se, muito mesmo. (Diário de Bitita - Carolina Maria de Jesus)

Em seu diário de meninice, a narrativa de Carolina Maria de Jesus contempla episódios da experiência vivida no interior de Minas Gerais (Sacramento), por meio da qual adquire consciência da sua condição racial e sobre a importância da memória ao interesse de sua preservação. De forma precoce, aos seis anos, Carolina reforça um gesto que consistirá numa constante aos seus "irmãos de cor", pois a eles pouco haverá para consolidar as suas histórias de vida em primeira pessoa, senão o recurso a sua memória e aos seus corpos. Atitude esta que os incita a afirmar: "*nossos passos vêm de longe*". No entanto, contestarão alguns: não será esse um preciosismo; um estrangeirismo indigesto; quem sabe um americanismo indevido; talvez, uma concessão frívola; uma adesão impensada ao modismo; um artifício de fragmentação da classe trabalhadora; o intervalo ao nazifacismo; enfim um identitarismo racial acrítico e, principalmente, a-geográfico?

É tendo em conta esse embate intestino, que propomos, de modo preliminar, a questionar sobre o porquê do Núcleo de Pesquisadoras(os) Negras(os) (NEPEN) e por que na Geografia da Universidade de São Paulo (USP)? Atendo-se a questão orientadora, *o quão longe se encontram esses passos*?

A tarefa proposta nos demanda investigar as arestas presentes tanto na história da USP, como na trajetória do Departamento de Geografia (DG-USP) desta universidade, bem como recorrer àquele precioso tesouro preservado em segurança por Carolina Maria de Jesus. Em verdade, propomos uma abordagem sobre o que se mantém visível e invisível à memória e dentro da tradição uspiana, a fim de encontrar indícios sobre a trajetória negra nesta instituição.

Fundada em 1934, a USP resguarda em seu estatuto, o objetivo de formar intelectualmente a elite paulista, contudo em compasso com o desenvolvimento da metrópole, na década de 1970 a universidade expandiu o número de cadeiras visando formar também a classe média urbana, logo, ao restante da sociedade, ingressar na USP não passava de utopia, ou consistia numa missão alcançada sobre consideráveis custos. No entanto, a peneira social representada pelo vestibular propiciou o ingresso de sujeitos negros em escala relativamente significativa, a ponto de inserir na universidade argumentos, debates, pesquisas, teorias e políticas relacionadas a questão racial e a particularidade do negro brasileiro.

Em meados da década de 1950, na USP se empreende o significativo esforço de interpretação do "dilema racial" (FLORESTAN, 2007) brasileiro, a partir das investigações promovidas pelo grupo de intelectuais que viria a ser reconhecido como escola sociológica paulista, preservando entre os seus nomes mais eminentes o do sociólogo Florestan Fernandes. Por meio desta iniciativa, a crítica ao denominado "mito da democracia racial" (2017) adquire centralidade aos estudos sociológicos a respeito das relações raciais no Brasil. Particularmente, a Florestan a democracia racial funciona à dissimulação das elites sociais quanto ao estado de desigualdade racial brasileiro, um recurso empregado desde a conturbada transição do escravismo ao trabalho livre.

Entre 22 de maio a 8 de junho de 1977, um evento de expressão para a comunidade uspiana e, em especial, ao meio negro afeta o cotidiano da universidade. Instalada nos antigos barracões da Faculdade de Psicologia da USP, a "Quinzena do Negro da USP" se converteu num dos mais significativos eventos da história do ativismo antirracista do Brasil, tendo à frente como idealizador e organizador o sociólogo Eduardo Oliveira Oliveira. Em meio ao regime ditatorial, afloravam manifestações políticas ao redor da problemática racial brasileira na década de 1970, resultando na criação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, cuja relação com a Quinzena do Negro era notória quanto a formação de seus

fundadores. O embate se engendrava contra o racismo brasileiro, que entre os principais pilares se encontrava o mito da democracia racial, ideologia oficializada pelo governo ditatorial. A Quinzena apresentava o diferencial de consistir num ciclo de debates organizados por negros e feito para negros[4], pois a alegação era de que tudo o que se fizera na universidade até o momento sobre o tema das relações raciais, tinha as pessoas brancas como proponentes e destinatárias, sendo Florestan Fernandes a maior expressão disso. O evento contou com palestras, rodas de conversas, exposição de obras de arte africanas e de jornais da imprensa negra paulista (material da coleção pessoal de Eduardo Oliveira Oliveira). Participaram da Quinzena intelectuais e ativistas negros e brancos, entre os intelectuais negros é digno de nota os nomes de Beatriz Nascimento, Hamilton Cardoso, Clóvis Moura, Orlanda Campos (GELEDES, 2017).

Se ao intento da pesquisa sociológica a questão racial se apresenta como assunto privilegiado de investigação, como outrora visto em Florestan Fernandes, não poderíamos afirmar algo semelhante quanto a pesquisa em geografia na universidade, embora ambos os departamentos se mantenham separados por apenas alguns passos. Ao que parece, a geografia uspiana não se permitira contagiar pelas pesquisas realizadas pela escola sociológica paulista. Entretanto, esta é somente uma aparência relativa, pois se as pesquisas sobre as relações raciais não adquiriram expressiva representatividade entre as produções acadêmicas em geografia, nomes de relevância à temática das relações raciais foram formados pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da USP (PPGH-USP)[5], bem como qualificadas investigações sobre a problemática foram defendidas em seu interior(MALACHIAS, 2006).

Todavia, citamos a pesquisa monográfica de Amanda Cristina Benedetti (2019), como contradição necessária a assertiva acima, pois se a produção sobre a problemática racial, ainda que pouco representativa, não faltara no âmbito da Pós-graduação em Geografia, seria no mínimo arriscado afirmar sobre a sua presença na graduação em geografia da USP. Ao analisar geográfica, espacial e racialmente o conteúdo programático das disciplinas obrigatórias DGEO-USP entre os anos de 2013 e 2019, a pesquisadora revela um dado alarmante que, a seu contragosto, já lhe era esperado, uma vez que os números revelaram a predominância inconteste de autores brancos, homens, europeus e eurodescendentes[6]. Este fato, a leva a problematizar como “epistemícidio” a maneira em que se

[4] Se anunciava nesse período a intencionalidade por parte do movimento negra na criação de uma intelectualidade negra, como podemos observar com a fundação do Grupo de Estudos André Rebouças em 1974, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Grupo esse idealizado por Beatriz Nascimento e Eduardo Oliveira Oliveira.

[5] Para nos limitarmos a alguns nomes, citamos os nomes de Renato Emerson dos Santos (IPPUR-RJ) e Alex Ratts (UFG).

[6] Ao acentuar a divisão racial no currículo do Departamento de Geografia da USP, Benedetti revela que dos 494 autores em menção nos programas de disciplinas analisados, 96% deles são pessoas brancas, sendo que em números totais, apenas 19 pessoas mencionadas não

processo a formação em geografia na USP, uma vez considerada a sua indigência quanto ao conhecimento advindo de negros e indígenas e mesmo quanto a sua origem geográfica. Ao avaliar certo desinteresse atribuído ao espaço e/ou ao lugar geopolítico da produção do conhecimento presente na graduação em Geografia, a autora chega mesmo a questionar, se para a Geografia a própria geografia não importa, ao menos quando o assunto em questão seja as origens geográficas do referencial de conhecimento. Em suma, Benedetti não só alerta sobre a quase nulidade dos debates raciais no currículo do DGEO, como acentua a ausência da produção acadêmica de autoras e autores pretos em seus dados de pesquisa, ao ponto de questionar sobre o que isso significaria no interior de uma instituição voltada a produção do conhecimento. Qual seria, nesse sentido, o papel do conhecimento de pessoas negras e mesmo indígenas a esta instituição? Para autora, devemos alertar, a questão não consiste em não abordar obras e autores europeus e seus descendentes, mas de deslocá-los da condição de referencial quase absoluto do conhecimento geográfico, conforme os seus termos: “descolonizar o conhecimento”.

Ao retratarmos a militância política atuante na universidade, não nos é possível desconsiderar a trajetória do Núcleo de Consciência Negra (NCN), cuja mobilização entorno de sua criação e manutenção revela como os gestores da universidade tomaram para si, a missão presente no estatuto de resguardar a universidade para os interesses das elites sociais(COSTA, 2016). O NCN surge em 1987 a partir dos esforços de funcionários, estudantes e professores negros, então interessados em ampliar a escassa presença negra na universidade. No ano de 1994, já consolidado, o NCN vem a ocupar um barracão no campus Butantã, a partir de então desenvolve suas atividades de debates, palestras, eventos culturais e principalmente o cursinho popular e os cursos de idiomas. No começo dos anos 2000, o NCN chega a celebrar uma parceria com a UNESCO. Frente a esse cenário, a reitoria da universidade reforça os assédios institucionais, contestando o uso do nome da universidade pelo núcleo, bem como ameaçando desapropriar seu espaço físico. Apenas nos últimos anos se alcança um acordo entre a reitoria e a coordenação do NCN, relativo tanto ao seu nome, que passou a ser “Núcleo de Consciência Negra na USP”, quanto ao seu espaço físico, que passa a consistir nas antigas instalações do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

são brancas. Quando o aspecto analisado é a localidade geográfica, entre os autores mais citados no currículo estão os brasileiros, estes imediatamente seguidos pelos europeus (200 citações) e americanos (100 citações), na medida que os demais somados não ultrapassam as 25 citações.

Outro fator de primeira importância, envolve tanto as reinvindicações históricas do movimento negro, como, em particular, o NCN, consistindo o mesmo na disputa pela reserva de vagas para estudantes negros nas universidades públicas brasileiras. Após o reconhecimento constitucional da lei federal de cotas em 2012, as universidades estaduais paulistas foram as últimas a adotar a política no Brasil, a adoção ocorre apenas em 2017. Por si, tal fato demonstra o viés conservador e elitista historicamente desenvolvido pela instituição, que, com algum esforço, cede a pressão exercida pela opinião pública, principalmente representada pelos diversos grupos e coletivos negros dentro e fora da universidade. Assim, podemos compreender a reserva de vagas para negros na USP, como uma construção histórica sintetizada no movimento: 'Por que a USP não tem cotas?', que promoveu atos e festivais durante dois anos até a promulgação da reserva de vagas pelo conselho universitário.

Retomando a questão abordada outrora, a esta altura é possível entrever, que se as críticas ao suposto identitarismo negro e ao seu conteúdo a-geográfico mantêm algo de legítimo, é preciso a elas associar o questionamento sobre a imagem que a Geografia em geral e a uspiana em particular adotou para si, isto é, a projeção identitária de suas aspirações. Questionamento este, que nos conduziria a inverter as bases da pergunta motivadora deste escrito, pois ao invés de iniciarmos com a questão sobre o porquê do Nepen e por que de sua presente criação no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (DG-USP), a substituiremos pelo questionamento sobre como a geografia brasileira e, em particular, a geografia uspiana pretendeu ser reconhecida e se reconhecer, isto é, quais foram as identidades em mobilização neste processo, seu específico caráter identitário.

Considerando que um dos traços mais importantes das relações raciais no Brasil reside no recurso a intimidade[7], torna-se indispensável adentrar ao íntimo da disciplina em seu contexto de institucionalização, para então argumentar sobre a necessidade da formação de um núcleo de pesquisadores negros. Talvez, esteja neste imperativo uma das motivações conscientes e mesmo inconscientes do NEPEN, demonstrar que estes passos, de fato, nunca estiveram tão longe, em verdade eles permaneceram ao lado, apenas não se prestou a devida atenção a eles, isto é, não se parou para

[7] Lilia Moritz Schwarcz (2017) expõe como referência a esta mudança de perspectiva, a obra *Casa-Grande & Senzala* de autoria do sociólogo Gilberto Freire, cuja primeira edição data de 1933. Conforme a autora, Freire confere uma nova configuração à sociedade multirracial brasileira em sua obra, retomando a temática das "três raças" (brancos, negros e "índios") sob uma perspectiva de superação do pessimismo vigente nos anos 1870 (SCHWARCZ, 2017: 12-13). O cruzamento harmonioso entre raças se converte na "verdadeira" identidade nacional, promovendo um processo de miscigenação traduzido pela **tolerância** e por **hábitos sexuais da intimidade** (2017)**.** Para além dos hábitos sexuais, ou por meio deles, a discriminação racial se alocaria no âmbito da intimidade, a partir de mecanismos sociais bastantes sutis.

ouvi-los[8], perceber a sua presença e acolher as suas memórias. Seja no DG-USP ou mesmo para além dele, a corporeidade e memória negra se manteve presente, o assombro com a sua presente projeção, portanto, não deve ser derivado de sua anterior ausência, mas de como se pretendeu reduzir a sua presença a esta, invertendo o sentido da questão ao destinar à sua memória o esquecimento.

Como argumenta James Baldwin, na pergunta sobre "o porquê foi preciso o negro", repousa o problema de toda uma sociedade[9].

Fica indistinto portanto, que as mobilizações entorno da questão racial na USP e fora dela se constituem como legado, hoje relacionado a uma presença cada vez maior e marcante da população negra nesses espaços, relega aos/as sujeitos/as negros/as portadores/as do *ethos* acadêmico-científico ativo, inseridos/as no campo da produção de conhecimento acadêmico-científico desafios de diversas ordens, como por exemplo lidar com o avanço da política de cotas, no sentido de subverter a lógica de isolamento posta aos estudantes e pesquisadores/as negros/as nas universidades públicas brasileiras, majoritariamente compostas por sujeitos/as brancos/as. Um outro desafio diz respeito à forma como se dará uma atuação estratégica em meio a um contexto de precarização e desmonte tanto das universidades públicas como dos órgãos que fomentam a produção de conhecimento acadêmico-científico no Brasil. Por último e com certeza não menos importante é o desafio de estabelecer uma agenda de pesquisa, ensino, cultura e extensão capaz de superar o epistemicídio, subverter o eurocentrismo e constituir parâmetros teóricos e conceituais comprometidos com um projeto político de forma a concretizar a devida emancipação e autonomia da população negra no Brasil.

Aquilombar-se: verbo-ação de troca e afeto

Historicamente a ideia de quilombo foi construída para referenciar o lugar de fuga, mas compreendemos esse conceito como o lugar do acolhimento, da conexão, do encontro, da troca e do afeto. Qualifica-se, nesses termos, como o espaço negro, extensão de Áfricas, nos quais seus/suas integrantes se reconhecem, se identificam e se conectam.

O quilombo como ideia central é aquilo que une Brasil e Áfricas e representa nossas histórias, memórias e ancestralidades. Patrimônio ao qual herdamos práticas e mecanismos potentes para críticas e

[8] A assertiva se baseia no argumento do filósofo e jurista Silvio Luiz de Almeida, apresentado em entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV Cultura. Do autor, ver também: Almeida, Silvio Luiz de. Racismo estrutural, 2019.

[9] A passagem faz menção a trechos do documentário "Eu não sou seu negro", este sob a direção de Raoul Peck e baseado no livro inacabado de James Baldwin a respeito da discriminação racial nos EUA.

reflexões sobre o passado, presente e futuro que envolve a condição da população negra (NASCIMENTO, 1980). Por isso, enfatizamos que a palavra quilombo vem de longe, atravessa o Atlântico e possui histórias. Se remete a um território que é geográfico e também simbólico que pertence aos ancestrais africanos (RATTS, 2006).

Para Beatriz Nascimento (1989) "a Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou (NASCIMENTO, 1989 apud RATTS, 2006, p. 59)". Nesse sentido, "aquilombar-se"[10] é, para além de estarmos juntos/as, construir um espaço de reconhecimento e de trocas de experiências. Dentro dessa perspectiva, o NEPEN surge como um lugar de aquilombamento inserido numa estrutura academicista que pouco valoriza os conhecimentos, trajetórias e saberes plurais e, principalmente, o afeto.

Para além disso, a ideia de aquilombamento nos remete também a uma rede que vem sendo construída entre nós geógrafas/os negas/os de todo Brasil, por onde buscamos repensar conceitos, métodos, metodologias, epistemologias plurais, com o intuito de desenvolver uma perspectiva antirracista e enegrecida dentro da Geografia e das Ciências Humanas e, sobretudo, evidenciar pesquisas e pesquisadores/as negros/as que abordam temas relacionados as questões étnico-raciais (GUIMARÃES, 2020, pp.16-17).

NEPEN: Trajetórias e Ações

Desde 2014 já vinha sendo discutido, pelos/as participantes do NEPEN, a necessidade de formar um grupo de estudos das relações étnico-raciais, porém o núcleo só foi fundado em meados de 2016, a partir da confluência de algumas percepções acerca do silêncio e apagamento das questões relacionadas ao/a negro/a e as relações raciais no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O hoje chamado Núcleo de Pesquisadoras e Estudantes Negras se insere no contexto acima assinalado no intuito de ressignificar a produção acadêmico-científica e participar da construção de um projeto político voltado a população negra. Essa confluência entre ativismo e formação intelectual nos marca enquanto grupo, e vai além das falsas polêmicas já estabelecidas historicamente onde de um lado está a universidade, berço da ciência e do

[10] Dialogando com essa proposta está o conceito de "quilombismo" criado por Abdias Nascimento (1980). O intelectual negro, a partir desse conceito, propoem uma leitura atual de quilombo como práxis afro-brasileira que deve ser usada para mobilizar e organizar os negros atuais na luta para manutenção e ampliação da cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e a afirmação da sua verdade.

conhecimento afirmando que internamente à produção de conhecimento não há espaços para ativismos e, de outro uma ala do movimento negro, que a partir de uma visão restrita a prática, crê que a inserção da população negra nos espaços de produção de conhecimento enfraquece ou deturpa o ativismo negro. Nós enquanto grupo nos opomos a tais visões limitantes do que venha ser tanto a produção do conhecimento quanto o ativismo político, estabelecemos nossas ações a partir do entendimento da necessidade de se buscar, principalmente na ciência geográfica, as determinações raciais que fundamentam a sociedade brasileira e sociedades latino-americanas.

Nesse sentido, o Núcleo caminha para a compreensão da importância em observar o conhecimento epistemológico geográfico como ferramenta de contribuição na leitura brasileira e latino-americana das contradições que existem no interior dos currículos escolares e acadêmicos e que, de alguma forma, espelha-se nos livros, teses, debates públicos e, inclusive em nosso imaginário, que indaga sobre a temática étnico-racial. Essas contradições convergem muitas vezes em distorções que privilegiam narrativas coloniais que dão sentido a uma epistemologia geográfica ancorada em valores eurocentrados e, ao mesmo tempo, diluída para uma crítica nas relações raciais.

O grupo estrutura-se no tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão. As ações, a partir dessa tríade são realizadas com o intuito de conscientizar, interpretar/ampliar o debate da Geografia e as relações raciais e aprofundar/desconstruir críticas geográficas que são influenciadas unicamente pela visão eurocêntrica de mundo.

Desta forma, a materialização de estudos do meio, roda de conversas, mediação de aulas, oficinas, entre outros artefatos representa um arcabouço notório do perfil de desenvolvimento das atuações do Núcleo.

Hoje, o núcleo conta com cerca de doze membros/as e tem por característica a pluralidade no que tange os objetos de pesquisas, teorias, conceitos e categorias abordadas nos diversos níveis de pesquisa (curso, trabalho de graduação individual, mestrado e doutorado).

Muitos/as dos/as nossos/as membras/os, graduadas/os no DG-FFLCH-USP, ao frequentarem as aulas, terem contatos com professores/as e/ou buscarem orientações para elaborar projetos e ideias para iniciações científicas (IC) e/ou trabalhos de graduação individual (TGI) perceberam um nítido déficit[11] no que diz respeito às determinações raciais nos entendimento, teorias, categorias e conceitos utilizados pelos/as professores/as para elaborar suas aulas e orientações nas diversas áreas da ciência

[11] Artigo publicado no Caderno Temático Geografias Negras da ABPN.

geográfica. Surgiu a partir daí uma série de questionamentos sobre as limitações postas no departamento em relação ao tema, assim como um ímpeto em trazer visibilidade ao/à negro/a, à raça e as relações raciais dentro da geografia.

Assim sendo, começamos a nos reunirmos semanalmente no Labur (Laboratório de Geografia Urbana), de início debatemos os porquês da existência do grupo e a importância de buscarmos uma intervenção dentro do departamento, salientando sempre o contexto em que estamos. Posteriormente fizemos leituras de algumas referências que tratam a questão racial no Brasil, buscando fundamentar alguns conceitos e categorias, neste roteiro de leitura refletimos e debatemos algumas obras, entre elas o texto “Colonialidade do Poder: Eurocentrismo e América Latina” de Aníbal Quijano; “Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil” de Kabenguele Munanga; “Tornar-se Negro” de Neusa Santos Souza; “Mulheres, Raça e Classe” de Angela Davis entre outros. As leituras, não restritas a ciência geográfica nos trouxe elementos fundamentais, basilares e complexos de compreensão do racismo no mundo moderno, contribuindo com conceitos e categorias elementares para o debate no âmbito acadêmico-científico de nossas pesquisas. Após a leitura desses textos, entendemos a necessidade de compartilharmos nossas pesquisas, assim como abrir espaços para contribuições de outros/as membros/as.

Pesquisa

A primeira pesquisa discutida coletivamente foi o trabalho de graduação individual (TGI) intitulado "Pacífico Negro Colombiano: territorialidades e os movimentos negros de 1980 e 1990", de Geinne Monteiro de Souza Guerra, trazendo aspectos da territorialidade negra na Colômbia de forma a ampliar os horizontes para a realidade da população negra na América Latina, posteriormente lemos e debatemos o trabalho de Amanda de Lima Moraes, “Memórias da população negra na cidade de São Paulo”, que se baseia no estudo de caso da Igreja do Rosário dos Homens Pretos localizada centro da cidade, em seguida a contribuição se deu a partir da pesquisa “Metrópole, Cotidiano e Racismo” de Guilherme Estevão, que trata do cotidiano da população negra em São Paulo do ponto de vista da morte e encarceramento em massa, a pesquisa foi debatida em conjunto com o TGI de Ricardo Santos “Racismo e Sistema Prisional no Brasil Contemporâneo”. Há ainda, trabalhos de outros/as membros/as a serem expostos e discutidos. Importa aqui salientar que o núcleo vem efetuando pesquisas de diversas ordens, onde a leitura conjunta expôs a confluência de temas, teorias, conceitos e categorias,

futuramente objetivamos efetuar linhas de pesquisas internamente ao grupo como uma forma de concretizar pesquisas elaboradas coletivamente:

- Encontros com pesquisadores/as e intelectuais negros/as

Desde o começo, o núcleo realizou alguns/mas encontros com intelectuais negros/as, que são referências para os/as pesquisadores/as da questão racial.

O primeiro encontro foi realizado com a professora Flávia Rios da Universidade Federal Fluminense (UFF). Na ocasião, Flávia apresentou um breve panorama da presença da população negra nas universidades, em especial nas públicas, ressaltando o quanto as políticas afirmativas estão ressignificando o que é ser negro/a e estar na universidade. A professora também apontou semelhanças entre o NEPEN e o Coletivo Negro da UFF.

O geógrafo, professor e ativista Billy Malachias foi o segundo pesquisador a ser recebido nas reuniões do NEPEN. O professor, que estudou na Universidade de São Paulo, pontuou a importância da criação do Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras (NEPEN) para um dos principais curso de geografia do Brasil, e nos expos a partir de sua trajetória os meandros a serem traçados por nós enquanto coletividade disposta a uma intervenção institucional no DG-FFLCH-USP. Ademais, apresentou sua concepção teórica-metodológica da geografia, e pontuou como esta concepção pode contribuir para a compreensão das relações raciais brasileiras, a partir de uma perspectiva geográfica.

No dia 08 de junho de 2018, recebemos o professor da Universidade Federal de Goiás Alex Ratts, nesse encontro cabe destacar que o afeto e acolhimento, que constituem uma das principais características do NEPEN, se fez presente ao longo de toda a reunião. O professor fez uma fala intensa e completa sobre o que é ser um intelectual negro no Brasil, tivemos a oportunidade de compreender a trajetória da discussão racial acadêmica nos últimos vinte anos, bem como a importância de pesquisadores/as negros/as ocuparem os espaços nas universidades públicas brasileiras, pois há um maior incentivo e acolhimento para o desenvolvimento de pesquisas que tratam da temática racial, como ocorre por exemplo, no Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-raciais e Espacialidades (LaGENTE), coordenado pelo professor Alex Ratts.

- Artigo “COVID-19 e o sistema de saúde: uma interpretação geográfica dos dados raciais e a invisibilização da população negra como um projeto”:

O grupo também vem desenvolvendo ao longo do segundo semestre de 2020, um artigo direcionado à problemática das relações raciais e COVID-19, sob o título “COVID-19 e o sistema de saúde: uma

interpretação geográfica dos dados raciais e a invisibilização da população negra como um projeto", o artigo buscou evidenciar como a ausência do debate racial na Geografia, tem promovido a invisibilização de informações específicas sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na população negra.

O amadurecimento do grupo vem sido demonstrado a partir da repercussão de suas ações e participações em diversos eventos, sejam eles congressos, seminários, encontros, rodas de conversas exibições de filmes etc. organizados ou não por nós. Dentre essas ações e eventos destacamos os seguintes:

Extensão

- Nomeação do novo auditório do Departamento de Geografia da USP com o nome do professor Milton Santos

O Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras participou, em parceria com o grupo de estudos Decolonial e também outros universitários que cursaram a disciplina de Regional África, da organização e da mobilização para nomeação do novo auditório com o nome do geógrafo Milton Santos.

A mesa de inauguração contou com a participação de Amanda de Lima Moraes, integrante do NEPEN. Além disso, Tuwile Braga foi responsável pela confecção do quadro com a foto de Milton Santos, que está exposto na entrada do auditório.

- Caminhos para geografia na obra de Beatriz Nascimento: Exibição e debate do Documentário Orí, organizado por Beatriz Nascimento e Raquel Gerber

A exibição do documentário *Orí*, no Departamento de Geografia da USP, foi a primeira atividade aberta realizada pelo NEPEN, organizada pela integrante Tailane Machado[12], especialista nos estudos de Beatriz Nascimento. Esta exibição foi realizada com o objetivo de divulgar a existência do núcleo, não apenas para a comunidade acadêmica da Universidade de São Paulo, mas também para outras organizações e entidades que discutem a questão racial. Assim, foi realizada ampla divulgação da exibição, pelas redes sociais (Facebook e Instagram) e por alguns canais de comunicação da USP.

Além da exibição do documentário foi realizada uma apresentação do NEPEN e evento pela Jennifer Terriaga e Geinne Monteiro de Souza Guerra , seguida de debate, sobre a trajetória e a produção acadêmica da intelectual Beatriz Nascimento realizado pela Fabiana Luz e Tailane Machado.

[12] Importante ressaltar que o NEPEN não se restringe apenas a integrantes do curso de Geografia. A membra Tailane Machado é mestranda do Programa de História Social do Departamento de História da FFLCH-USP.

- Evento “Um projeto de Nação: Geografia do Racismo e Ruptura Democrática. Falácias, Desigualdades e Extermínio”

O evento organizado pelo Coletivo Quilombo Cabeça de Nego na Semana de Geografia do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), convidou a integrante do NEPEN, Fabiana Luz, para compor a mesa sobre Geografia e Racismo Estrutural, que teve também como componente do debate os participantes Billy Malachias e Marcos da Silva e Silva.

- Curso preparatório para o ingresso no programa de Pós-Graduação em Geografia Humana

Nos dois últimos anos (2019 e 2020), o Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras desenvolveu um grupo de estudos gerido por e para pesquisadores/as negros/as sobre a bibliografia obrigatória do processo seletivo para ingresso no mestrado e doutorado do curso de geografia humana do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, reforçando a importância do aquilombamento e da ocupação e ressignificação do que é ser negro/a e pesquisador/a em uma Universidade Pública.

- Lives no canal do YouTube NEPEN GEOUSP

Durante o período de isolamento e distanciamento social, o NEPEN realizou uma série de lives através de seu canal NEPEN GEOUSP do YouTube, com objetivo de ampliar e democratizar discussões sobre a temática racial, a partir do diálogo entre pesquisadores/as do próprio NEPEN e diversos/as convidados/as.

As lives realizadas foram:

- “América Latina Negra e sua Geografia” (30/04/2020): mesa composta por Geinne Monteiro de Souza Guerra, Ismane Desrosiers e Beatriz Pereira Silva. Mediador: Tuwilê Jorge Kin Braga.
- “O espaço da Paternidade Negra” (07/05/2020): mesa composta por Igor Santos Valvassori, Rodrigo Rodrigues da Silva e Jonathan da Silva Marcelino. Mediador: Tuwilê Jorge Kin Braga.
- “Como a Geografia Física nos ajuda a compreender as relações raciais” (14/05/2020): mesa composta por Jennifer Terriaga, Hugo Nicolau Barbosa de Gusmão, Ana Lígia dos Santos e Jackson Brito. Mediadora: Geinne Monteiro de Souza Guerra.
- “A corporalidade negra e sua Geografia” (21/05/2020): mesa composta por Aline Serzedello Neves Vilaça, Geny Ferreira Guimarães, Igor Santos Valvassori e Paola Ferreira. Mediadora: Tailane Machado.
- “Insurgências Negras” (04/06/2020): mesa composta por Fabiana Cristina da Luz, Maria José Meneses, Michel Gomes da Rocha e Renata dos Santos. Mediadora: Beatriz Pereira Silva.

- "Mulheres Afrolatinas em marcha: trajetórias e experiências" (11/06/2020): mesa composta por Andrea Carolina Mendoza, Erica Ferreira, Lilia Ferrer Morillo e Silvia Noemí Balbuena. Mediadora: Beatriz Pereira Silva.
- "Negritude(es) no Brasil: Invisível ou invisibilidade?" (18/06/2020): mesa composta por Amanda de Lima Moraes, Guilherme Estevão dos Santos e Marina Gabriela dos Santos. Mediador: Tuwilê Jorge Kin Braga.
- "Corpos negros na perspectiva docente: ressignificações e (re)encontros na educação básica" (25/06/2020): mesa composta por Ayana K. M. Medeiros, Erika da Silva B. Cagnotto e Rita de Cássia Mota Santos. Mediadora: Erica Ferreira.
- "Pretos, pardos e indígenas no IBGE: Classificação, autodeclaração e heteroidentificação afirmativa" (09/07/2020): mesa composta por Antônio Carlos Malachias, Marcos Henrique Martins e Milena de Oliveira Santos. Mediadora: Beatriz Pereira Silva.

● Formação de professores

Além das atividades e trocas desenvolvidas entre os/as membros/as que atuam na área da educação, o NEPEN atuou no segmento de formação de professoras/res, oferecendo diálogo e formação sobre a questão racial e a Lei 10.639 para as escolas EMEF Coronel Luiz Tenório Brito e EMEF Amorim Lima, ambas da rede Municipal de São Paulo.

● Campo UMAPAZ

Atividade intitulada "Geo-grafias e memórias negras no centro de São Paulo" realizada em parceria com a UMAPAZ, no curso de "Agentes Socioambientais, pelos territórios negros da cidade de São Paulo" na aula sobre *Planejamento Urbano e Racismo*. Foi realizada uma caminhada pelas antigas territorialidades negras no centro de São Paulo, com vista a desconstruir uma percepção sobre a ausência das pessoas negras no processo de produção do espaço urbano da cidade, bem como romper com a invisibilização da população negra na virada do século XIX.

● XIX Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) – João Pessoa Paraíba

No mês de julho do ano de 2018 aconteceu o Encontro Nacional de Geógrafos, organizado pela AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros). O evento reúne estudantes, pesquisadores/as e geógrafos/as de diferentes regiões do país que apresentam suas pesquisas.

Nesta edição do ENG, sete integrantes do NEPEN apresentaram suas pesquisas nas sessões temáticas, a saber:

Amanda de Lima Moraes - Memórias da população negra da cidade de São Paulo: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1725-1904);

Fabiana Cristina da Luz - O Direito à Imunidade Fiscal dos terreiros das religiões de matriz africana: Um estudo de caso cidade de São Paulo;

Geinne Monteiro de Souza Guerra - Pacífico Negro Colombiano: territorialidades e os movimentos negros de 1980 e 1990;

Guilherme Estevão dos Santos - Crítica a Forma da Memória na Estância Turística de Bananal;

Ricardo Oliveira Santos - Dominação social e violência no Brasil contemporâneo; e

Tuwile Jorge Kin Braga - A territorialidade dos servidores negros da universidade de São Paulo.

Ayana Kissi Meira de Medeiros - O Ensino de Geografia para leitura de mundo e como ferramenta para discutir a desigualdade racial e transformar as relações étnico-raciais na escola.

Ademais, dois integrantes do Núcleo também participaram das mesas-redondas que tratavam da questão racial e sua relação com a geografia. Tuwile Braga da mesa “Raça, Conflitos e Poder: Desigualdades na Produção do Espaço” e Fabiana Luz da mesa “Sobre racismos e antirracismo: espaço e relações raciais”.

No evento também foi realizado uma roda de conversas, com estudantes negros/as de outras universidades brasileiras, com objetivo de refletir sobre o que é ser negro/a no espaço universitário, bem como para pensar em perspectivas e ações futuras conjuntas entre núcleos e coletivos organizados por e para pesquisadores/as negros/as, que atuam em diferentes universidades do país.

- Rede Afrolatino-americana:

Em 2019, os/as integrantes Amanda de Lima Moraes, Beatriz Pereira SIlva e Tuwilê Jorge Kin Braga participaram da VI Jornada de Estudios Latinoamericanos do GEALA, em Buenos Aires, Argentina. No evento, os/as pesquisadores/as participaram das mesas e realizaram trabalhos de campo autônomos e puderam ampliar as redes de contato do grupo para além das fronteiras nacionais.

ENSINO

- Grupo de Estudos

No ano de 2020 as leituras realizadas no Grupo de Estudos (GE) foram organizadas em cinco principais eixos: 1) relações raciais: introdução/conceitos/bases, 2) relações raciais e educação, 3) relações raciais e espaço/território, 4) relações raciais e instituições/racismo estrutural e 5) relações raciais e questão ambiental e/ou racismo ambiental. Comumente, a indicação dos textos é realizada

pelos/as membros/as do NEPEN no início de cada ano e, conforme os trabalhos (artigos, teses, livros, entre outros) são indicados, são organizadas votações para a seleção dos que serão discutidos.

A importância do GE consiste na fundamentação das discussões que são realizadas dentro e fora da universidade, e está relacionada ao complemento de referenciais bibliográficos para as pesquisas individuais de cada membro/a.

- Participação do NEPEN na disciplina de Geografia Urbana I

Nos anos 2018 e 2019, os/as integrantes do núcleo participaram da aula que discute "Cidade e Segregação Racial", da disciplina de graduação *Geografia Urbana I.* O NEPEN também participou da aula sobre Periferia e Cotidiano e da organização de uma pesquisa de campo, protagonizada pela pesquisadora Amanda Lima de Moraes, com os alunos da disciplina, na região central da cidade de São Paulo.

Importante destacar que, toda a construção e preparo da aula, desde a seleção da bibliografia até a organização da dinâmica de aula, foi construída coletivamente, a partir de uma parceria entre os integrantes do NEPEN e a Professora Simone Scifoni, responsável pela referida disciplina.

- Participação na aula pública sobre América Afro-Latina (Universidade Federal de Viçosa - MG)

As pesquisadoras Geinne Monteiro de Souza Guerra e Beatriz Pereira Silva foram convidadas pelo professor José Antônio Júnior para participar de uma aula sobre "América Afro-Latina" da disciplina "Ecologia dos saberes e epistemologia da educação do campo" nos dias 28 e 30 de setembro. A aula ocorreu no formato *on-line*, através do aplicativo *Google Meet*. No encontro foram socializadas as pesquisas em andamento a nível de Mestrado das geógrafas entre outras questões pertinentes a aula.

- Participação na disciplina Metodologia de Ensino de Geografia II

O Nepen foi convidado a participar do evento "Multiculturalismo, interculturalismo e educação: enfoque nas questões raciais" , organizado pela professora Núria Hanglei Cacete. Na ocasião estiveram presentes Ana Lígia dos Santos, Geinne Monteiro de Souza Guerra, Beatriz Pereira Silva, Guilherme Estevão, Tuwilê Jorge e Fabiana Luz. Discutiu-se como a Geografia pode contribuir para o debate racial na escola e a construção de uma educação antirracista.

Ações futuras

O NEPEN pretende no próximo ano elaborar um plano de trabalho de suas ações de extensão. Nesse momento, cabe destacar três ações que estão em andamento, são elas:

- Relação com o Grupo de Trabalho que trata da implementação das cotas na Pós-Graduação

Neste ano foi aprovada cotas raciais para ingresso nos cursos de pós-graduação da geografia humana. Os ingressantes, que se autodeclararem como negros/as e indígenas contarão com acréscimos na pontuação final do processo seletivo. Atualmente, se discute também a exclusão da prova de proficiência, como etapa eliminatório do processo seletivo.

- Acompanhamento da discussão sobre ação afirmativa para ingresso graduação

Pela primeira vez a Universidade de São Paulo contará com cotas raciais e sociais para o ingresso na graduação. A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) tem realizado algumas reuniões com vistas a definir os procedimentos (porcentagem para cada tipologia de cotas – racial e econômica, por exemplo) e diretrizes desse ingresso.

Barreiras Estruturais e Institucionais

Se faz pertinente salientar que essa agenda de participações e ações e o andamento de nossas pesquisas individuais e coletivas se efetivaram, apesar de algumas barreiras estruturais e institucionais. Além do silenciamento em relação às determinações raciais na geografia da formação social brasileira, outra barreira institucional e estrutural se dá a partir da dificuldade na obtenção de recursos provindos de órgãos de fomento à pesquisa. Não há no momento membros/as sendo financiados/as para se dedicarem exclusivamente à sua formação intelectual e acadêmica, disso deriva uma dificuldade em conciliar trabalho e estudo, o que acaba por prejudicar uma formação intelectual de excelência. Sabemos que a origem desta barreira está muito além das estruturas do Departamento de Geografia da USP e se constitui como uma realidade nacional, haja vista a precarização e o desmonte das universidades públicas brasileiras.

Em busca de alternativas para que seja possível a dedicação exclusiva ao trabalho intelectual, os/as membros/as do NEPEN tem se mobilizado para participar de processos seletivos que oferecem bolsas de pesquisa, como por exemplo, o edital da “Equidade racial na Educação Básica” do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) e o edital “Mulheres em Movimento 2020” do ELAS, entretanto, o núcleo não foi contemplado com financiamento de suas pesquisas.

Desafios e Projeções

Cientes do contexto em que estamos inseridas/os buscamos, como projeções futuras, estabelecer uma rede interna ao DG-FFLCH-USP entre as/os estudantes e pesquisadoras/es negras/os, de forma a integrar as/os membras/os do grupo as/aos demais estudantes negras/os do departamento, quiçá efetivando um programa de tutoria científica. Outro objetivo trata-se de efetivar uma rede nacional de geógrafas/os negras/os e pesquisadoras/es da questão racial, ainda em tratativas, essa rede visa efetivar uma agenda nacional já iniciada por alguns contemporâneos como Renato Emerson, Billy Malachias, Rafael Sanzio e Andrelino Campos, Diogo Marçal, Geny Guimarães, Angela Gomes entre outros/as. A conformação desta rede possibilitará um fortalecimento em relação a obtenção de recursos e fomentos à pesquisa, abrindo caminhos para a constituição de uma agenda de pesquisa, cultura e extensão a partir da ciência geográfica comprometida com a construção de um projeto político emancipatório e autônomo para a população negra no Brasil. Isso significa reinterpretar, ressignificar e reconstruir a produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira que, em linhas gerais, se faz deficitária na compreensão da condição negra no país.

No ano de 2020 deu-se início a articulação e parceria com a FE-USP para o desenvolvimento de um site e *e-book* do Nepen com conteúdos que possam ser acessados pela comunidade, além disso, há um movimento de organização de um minicurso com a ativista afroargentina Silvia Noemí Balbuena, para discutir as relações raciais na Argentina; e a formação de mesas do NEPEN na “Semana da Geografia”, organizada pela AGB.

A breve trajetória no NEPEN se insere num contexto histórico de um aumento da presença negra em espaços de disseminação e produção de conhecimento, o que nos faz refletir que as bases de nossa organização e atuação necessita transcender a nós mesmos/as, ou seja, é premente o reconhecimento daqueles/as que nos antecederam, o diálogo e estreitamento de laços junto aos/às nossos/as contemporâneos/as, assim como junto aos/às nossos/as sucessores/as. Isso significa estabelecer que as mudanças as quais nos propomos transcendem a nossa geração e deve ser pensada em confluência a outros setores dos movimentos negros, no sentido de um projeto político comprometido com o combate ao racismo estrutural e com uma produção de conhecimento, pesquisa-ação, emancipatória e autônoma da população negra.

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENEDETTI, Amanda Cristina. **"Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores"**: tgi-manifesto contra o epistemicídio e genocídio preto na geografia da usp. 2019. 55f. Trabalho de Graduação Individual (TGI). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2019.

COSTA, Djalma Luiz. **"O espaço da 'consciência negra na USP'"**. 2019. 80 f.. Trabalho de Graduação Individual (TGI). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2019.

COSTA, Joaze Bernardino. **Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal**. In: Revista Sociedade e Estado – v. 33, N° 1, Janeiro/Abril 2018 p. 119-137

EU NÃO SOU SEU NEGRO (I Am Not Your Negro). Direção: Raoul Peck, Produção: Patrick Quinet e Raoul Peck. EUA: Velvet Film; Close Up Film; Artémis Production, 2016.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

_____**Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular (co-edição Perseu Abramo), 2017.

JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

GUIMARÃES, Geny. **Geo-grafias Negras & Geografias Negras**. Revista da ABPN • v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: "Geografias Negras" • abril de 2020, p. 292-311

MALACHIAS, Antonio Carlos. **Geografia e Relações Raciais: desigualdades sócio-espaciais em preto e branco**. 2006. 124 f.. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra** / Kabengele Munanga - Petrópolis, Rj: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

PORTAL GELEDÉS. **"Eduardo de Oliveira Oliveira sobre a USP: 'nós temos direito a esta instituição'"**. Acesso em: 04 de novembro de 2020.

RATTS, Alex. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). **"Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil"** Belo Horizonte-MG: Nandyala Livros e Serviços Ltda, 2009, v. 1, p. 81-108.

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas.** Fortaleza: Museu do Ceará-Secult, 2009.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: SANTOS, Milton. **O país distorcido**. São Paulo: Publifolha, 2002, p. 157-161.

SANTOS, Sales Augusto. A Metamorfose de Militante Negros em Negros Intelectuais. In: **Revista Mosaico** – v. 3, N° 5, 2011 p.102-125

SCHWARCZ, Lilian Moritz. Raça Sempre Deu o que Falar. In: FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo** In: Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009 .Disponível: <http://books.openedition.org/iheid/6316>. Acesso em: 04 nov. 2020.